

Portfólio para disciplina

ESCRITA CRIATIVA

**22: ENTRE ALTOS E
BAIXOS**

Erivaldo Alves de Barros Júnior

Disciplina ministrada por: Marcio Markendorf

Apresentação:

Através dos contos busquei desenvolver as técnicas que foram passadas em sala, para assim construir desenvoltura em minha escrita.

Neste portfolio encontra-se desde contos meramente para desfrute de diversão, como para a reflexão do leitor. Os temas abordados são de inspirações encontradas em sala de aula na disciplina de escrita criativa, como por contra própria em meio às experiências do autor.

Através dos gêneros cinematográficos, diversidade das narrativas e o exercício de escrita semanalmente, me fizeram a aprender escrever não somente da forma rasa, através de inspiração momentânea. Pensando primeiramente nas imagens, trazendo experiências e organizando-me através de palavras chaves. Assim desenvolvendo a construção das propostas dadas.

Sumario:

1. Abuso
2. De tempos, em tempos.
3. Um som por trás guerra
4. A sós comigo mesmo
5. Licença para minha vida
6. Precipitado
7. Aproveite
8. Justiça e Vingança
9. Ensaio sobre ela

Abuso

É dia e mal lembro a hora que consegui adormecer. Acabo de acordar após mais uma noite de cansaço na qual meu corpo se contorceu em meio aos mais sórdidos pensamentos. Me sinto sufocado, não consigo pensar em nada. Apenas sinto um tremendo desconforto perante tal situação. Só quero esquecer o que mais uma vez acabava de acontecer. Me perguntava, até quando?

Eles já haviam saído para trabalhar. Eu só pensava e agradecia a Deus por não ter que olhar tão cedo para cara dos dois. Enquanto preparava meu café, falava com Deus em pensamentos e perguntava o porque. Não sabia me responder se o que acontecia era normal ou não. Sobretudo, jamais teria coragem de abrir o assunto para alguém próximo. Sentia medo do julgamento das pessoas, não sobre mim, mas a respeito dela. Amava-a tanto que não poderia fazer qualquer coisa na qual desviasse a feição que eu mesmo e meus amigos sentiríamos por ela.

Em certo momento acabei por notar que as coisas caminhavam para um lado ainda mais sombrio. Percebi que talvez viesse, de forma repugnante, sentir algum tipo de prazer em meio àquela violação horrível e desconfortável. A carne falaria mais alto, embora tão pequeno, meus desejos já haviam se criado de forma involuntária ou influenciada por tal situação. Era por ele que pulsariam as correntes do meu tesão. Por diversos momentos naquele dia e, entre muitos outros, estava enojado de mim mesmo, em pensar que ela também estava de alguma forma envolvida em toda aquela sujeira. Justo ela. De alguma forma, talvez ainda pior, eu estava traindo-a. O pecado era mortal. Eu a amava muito, seria meu elo mais puro que acabava por se sujar na poeira imunda deste mundo ruim.

Minha mente estava uma bagunça. Não sabia mais como organizá-la, e de forma passiva, levei aquela situação por mais uns horríveis anos. O que poderia fazer naquele dia, como em todos os outros, era ignorar o que estava acontecendo enquanto estava fora daquele ambiente.

A noite quando voltava para casa, encontrava os dois na cozinha preparando o jantar. Meu olhar era fixo e profundo. É perturbador pensar no quanto amava os dois e, ao mesmo tempo, também os odiava.

Aproximando-se das dez da noite já não sabia como lidar com ambos. Começaria uma mistura de angustia e ansiedade. Sabia que logo mais iria acontecer o que eu tanto temia. Minha garganta trancava. Parecia que algo estava puxando meu

estomago para baixo. Sentia uma vontade enorme de chorar. Lá estava eu, não conseguia fazer nada para impedir. Minha coragem era barrada pelo meu amor.

Entre alguns minutos depois, já deitado em nosso quarto, eu me cobria. De forma a me proteger de alguma maneira. Ouvia passos vindo. Virava para o lado esquerdo da minha cama e fingia já estar dormindo. De repente a luz era ligada, ambos entraram no quarto e deitaram em sua cama.

Dai em diante meus pensamentos pediam para que não acontecesse aquilo novamente. Logo em seguida, as luzes foram apagadas. Tampava meus ouvidos e fechava meus olhos com toda força. Sentia-me violado. Forçado a ouvir minha mãe e meu padrasto terem relações sexuais. Fazendo-me presente de alguma forma naquele ato. Um ménage à trois incestuoso.

A escuridão era ainda pior do que somente não poder enxergar.

De tempos, em tempos.

“Assassina!”,” Louca!”,” Ingrata!”,” Psicopata!”

São os gritos que escuto de vez em quando ao andar na rua atualmente. E também são os xingamentos pichados do lado de fora de casa.

Exageradas as pessoas, não? Ao meu ver, deixei muito claras quais eram minhas intenções em relação à James.

Ainda lembro da noite em que o conheci. Estava sentada na calçada, sob à luz vermelha do bar em que trabalhava. Com meus dois melhores amigos: um cigarro aceso entre os dedos da uma mão, e a garrafa de uísque que segurava com a outra mão. Lembro também que não o vi se aproximar, apenas quando ele se curvou para conversar comigo, me assustando um pouco inicialmente.

James era mesmo encantador. O sorriso, o cheiro, tudo. Seria ele mais um da minha lista? Tentei calcular em minha mente quanto tempo já havia se passado desde a última vítima. Eu tinha que ser discreta e muito cuidadosa, assassinar clientes era perigoso. Já me lembro de agora! Fazem 3 meses. Dessa última vez tive que sair da cidade para não ser pega. Pois bem, já é tempo suficiente! Acho que mostrarei a James, o que acontece com clientes meus de tempos em tempos.

Não demora muito pra ele me convidar para irmos a sua casa terminar aquela maravilhosa noite em sua casa. Eu sorridente, aceito seu convite. James era muito rico, sua casa era vinte vezes o tamanho da minha e ficava um pouco afastada da cidade, e uma feliz coincidência chega ao meu conhecimento: que estaríamos sozinhos em casa naquela noite, pois ele havia dispensado todos os seus empregados.

Já em seu quarto ele me abraça por trás, e devagar começa a beijar meu pescoço. Ele era muito carinhoso e romântico, eu percebia a cada toque. Transamos três vezes. Alguns minutos depois, estávamos deitados quando ele pediu pra que eu ficasse eu apenas pedi pra pegar meu celular na bolsa que havia deixado no sofá da sala. Mentira. Volto para o quarto com uma faca empunhada nas mãos, e escondida pelas minhas costas.

Fingi subir nele novamente para beijá-lo novamente e ao fazer isso acerto uma facada em seu pescoço, acertando a artéria principal e fazer jorrar muito sangue pelo quarto. Acho a cena engraçadíssima e começo a rir, enquanto termino de acertar a faca mais dezesseis vezes em seu estômago. Pobre James às vezes ainda penso se ele merecia tudo isso. Naquela noite, esqueci-me de limpar algumas impressões digitais em sua casa.

A polícia, investigando a morte de James, interrogou alguns dos seguranças do bar onde trabalho que relataram tê-lo visto saindo comigo na mesma noite. Isso fez de mim a principal suspeita. James era muito popular na cidade pela sua generosidade apoiando campanhas de doações. Não demorou muito para a população se voltar contra mim, já que eu ainda não havia sido presa e não restavam quase dúvidas de que eu era culpada.

Bom, acho que já era hora de me mudar novamente.

Um som por trás da guerra

Talvez para os outros eu aparentava ser triste, calado e tímido porque eu não conseguia sentir outra coisa além de tristeza e angústia. Eu sempre fui assim, não sei sentir ou demonstrar algo diferente, existem pessoas que andam por aí sorrindo com uma felicidade aparente, pois quando sozinhas em seus quartos choram de solidão. Eu não, se eu estou triste dessa maneira, demonstro.

Sentimentos familiares me vem à tona. Principalmente quando lembro da época em que a guerra predominava. Saía pela rua com medo das pessoas, do que elas estavam se tornando, elas queriam se matar, se sentiam superiores, a voz do “rei” da Alemanha era como a voz de um Deus. Foram tantas mortes. Crianças. Homens. Mulheres. Se não fosse ariano; morte na certa.

Eu gostaria de entender como alguém é capaz de matar. Qual é o sentimento hoje? Será que consegue dormir bem? Da minha janela era possível de se ver várias dessas mortes, por isso eu a mantinha fechada a maior parte do tempo. Mas não conseguia escapar do barulho dos tiros.

E por várias noites isso permaneceu, eu sentava em minha cama e chorava por todas aquelas pessoas. Sentia na pele a dor de cada um, eu não conseguia viver bem com aquilo tudo, era a melancolia em pessoa.

No final da guerra algo me surpreendeu. Não era barulho de um tiro, era um barulho de um choro. Estava muito perto, eu ouvia os soluços como se estivesse no quarto ao lado. Olho embaixo da cama e lá estava um menino, que eu não sabia o nome e nem como foi parar ali, mas pude ver seu sofrimento. Só consegui estender minha mão, que ele segurou com força. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele me abraçava e dizia “ obrigado, obrigado, obrigado”. Não entendi o porquê desse obrigado, até que lembrei da janela entreaberta da cozinha que deixei para meu gato sair. Entendi tudo. Chorei igual a um bebê. Abracei aquele garoto como se fosse meu filho.

Aquele garoto era judeu, e foi salvo por mim, uma ariana. O menino se escondeu durante a guerra toda em minha casa, e sobreviveu.

Respiro fundo, meu peito se enche. Sinto uma leveza. Escuto meu coração bater mais forte, e consigo sentir o coração dele bater perto do meu. Estou preenchida.

A sós comigo mesmo

De repente, lá me encontro. Por dentro de todas aquelas veias e neurônios. Tão complicado andar aqui, tão apertado e sem paciência. Estressante. Para que tanta pressa: deixe-me passar por aqui, um minuto. Obrigado

Não sei o que você possa pensar estar fazendo aqui dentro, sonha que meu consciente não está captando cada passo seu. Superficial. Já não vê que tudo se passou e gastou; você irá viver desta maneira mesmo, ou melhor, apenas viverá de forma rasa. Um dia eu gostei de você, sorria em gostar de ter nosso futuro. Promissor. E você nos entregou para esta vida hipócrita. Não podes te esconder.

Uma vez meus olhos foram captados como uma imagem que soou tão surreal. Eu não entendi. Então apenas captei, como uma máquina. Ali acontecia a transformação. Enfiada goela abaixo. Dor. Eu queria que tudo se desligasse, não daria, nunca mais. Eu não tenho vida, sou seu. Não você meu. Sabe? Na verdade, eu sou feliz por ter você. Me sinto tão sozinho, as vezes as luzes se apagam, fico sozinho, nessas cores que você não conhece. É difícil de explicar. Vocês já não acreditam mais somente em palavras. Na verdade os olhos foram erros de criação. Deveriam funcionar de outra forma. Mas é um alimento gostoso. Também necessidade da vida. O acontecer já não acontece da mesma forma. São novos sentires.

Sentirei saudades. Foram lindos momentos. Às vezes, desapareço até um tempo a frente, digamos que, bastante à frente. E lembro que existir é muito valioso. Os bons momentos. Obter é divertido. Vejo você velho. Naquela suas noites como as quais você ainda tem hoje.

Eu vejo um outro alguém ai dentro desses sentimentos. Lindos dentes. O desenho da boca é lindo, encanta-me demais. Sente esse cheiro? Doce. Cócegas, que engraçado e delicioso. Tão saboroso. Algo está pulsando um pouco mais. Este movimento, ora rápido, ora devagar. Que sensação ótima.

Fico sensível. Seu comportamento é depravado. Imagina se isso fosse doutrina e tornar real e tornar real. Que horror. Que cu gostoso. Lembra quando você era dotado de pudores? Tedioso. Veja como é uma delícia. Sinto sua imensidão daqui. Quer saber: não vai mal não, hein? Não começa a imaginar coisa fantasiosa, por favor. Eu estou escutando a ópera.

Diga-me, eu sei, no meio dessa foda deliciosa existe. A cada milésimo de tempo me é enviado pequenos pedaços daquela essência boa, o tal cheiro. Para de querer conversar com seu próprio cérebro. Aquele quarto te espera. Sua vida está compartilhada com a tal essência. Que loucura. Se existe mais do que esse forte sentimento? Talvez, sim.

Mas que coisa mias tola. Isso tudo não passa do existir da sua vida. Cotidiano. Não existe talvez mais que isso. Não adianta tentar entender ou achar que está no comando do seu cérebro ou de algo mais, que poderia ser você, de uma forma crua, desconexo do que você carrega ai dentro da cabeça. O que havia de puro perdeu quando você era um bebe e não havia se alienado a qualquer coisa deste planeta em que hoje vivi. Você é ridículo.

Licença para minha vida

Meu coração já bate mais forte em meio à mistura deste anseio e êxtase. Logo mais tarde, viria a viver minha vida de verdade. Minhas mãos deslizavam uma entre a outra, enquanto espero que meus pais saiam logo para jantar de trabalho na casa do Antônio, patrão do meu pai. Aqui sentado em meu quarto e olhando estas paredes azuis, o ambiente parece tão pequeno, para o quanto meu corpo quer se movimentar hoje à noite. Qualquer espaço seria pequeno para o tamanho da minha euforia. Hoje tem mais uma noite nessa loucura que é o mundo gay de São Paulo.

De repente ouço os passos de alguém que sobe as escadas de madeira de casa, no mínimo deve ser minha mãe avisando que está indo. E lá vem, três, dois, um...

- Lucas, estamos indo. Provavelmente quando chegarmos você já estará dormindo, então, boa noite meu filho, bons sonhos.

Com certeza, é para meus sonhos que estou partindo, mãe. Logo já fui descendo para sala de casa e me joguei no sofá ao lado do telefone. Hoje de ligar para o louco do Rodrigo. Nem sei dizer o quão feliz me sinto em poder estar compartilhando este momento na companhia do meu melhor amigo. E o telefone toca...

- Pronto já? Sabe que hoje iremos fazer os sonhos reais.
- Vamos mesmo?
- Claro que sim! Não quer viver, Rodrigo?

Correndo e subindo de volta ao meu quarto, o tempo para se arrumar é bem menor que as opções que pensei em vestir essa noite. Vai esta calça jeans branca com lavagem envelhecida e camiseta preta junto a esta jaqueta amarela.

É uma ótima roupa para o lugar que vamos. A única coisa que se passa em meus pensamentos é a vontade que estou de dançar, andar e falar da maneira que me sinta a vontade, sem ter que me forçar a algo. Cansado de mentiras, deste faz de contas, em casa e no colégio. Para que ter que fingir ser algo que não sou?

Em meio a esta loucura de fugir de casa, só desejo liberdade. Ainda assim, por mais perigosa que ela seja.

Em meio a esta pausa de reflexão sentado em minha cama, levanto em meu quarto e pego o disco do Queen colocando-o no vinil aumentando até que meu coração possa ouvir Don't Stop Now! Levado pelo ritmo do som, eu danço e, por um fluxo mútuo em meu corpo, eu sinto uma tremenda felicidade. Aquele momento sou tão eu e sou tão liberto e à vontade, apenas imaginando-me naquele ritmo, pensando o quanto gostaria de ter coragem para viver todos meus desejos.

A mistura de sensações entre angústia e ansiedade durante a semana me predominavam, estes sentimentos eram um antecedente para o final de semana, ou seja, da minha melhor sensação, a liberdade. Me sentia como um pássaro, abrindo as asas para voar e o céu era o meu limite. Ali eu encontrava a paz que me faltava diariamente. Entre os dias de semanas me questionava o porquê de todo preconceito, o porquê de tanto julgamento ao próximo sem noção alguma. Sinceramente, eu que sempre fui um bom entendedor sobre as coisas não entendia. Sendo jovem, tinha que obedecer meus pais e principalmente o que a sociedade impusera. Eu era apenas mais uma cobaia deles. A ditadura militar tinha acabado, mas a ditadura da sociedade permaneceu, porque era assim que eu me sentia, com medo de me pegarem fazendo algo que consideravam pecado. Ora, pecado?! Pecado era tirar do próximo uma liberdade que não fazia mal a ninguém. Não venha me dizer o que Deus falou. Se ele existe, com certeza não queria que seus filhos fossem um bando de sem noção.

O falso moralismo era grande, pois os mesmos preconceituosos que me repudiavam, estavam lá no show do Cazuza, gritando como se ele fosse um herói. Mas que coincidência, não? Quando eu entrava num bar em plena rua Augusta, me lembrava do que tanto o herói cantava " vida louca, vida breve, já que eu não posso te levar, quero que você me leve".

Precipitado

Ela olhava para trás de tempos em tempos, tentando perceber naquele breu algo que não se entendia. Do outro lado da rua nada era visto. Seus braços se fechavam em volta de seus cadernos e, apurava seus passos cada vez mais. Já eram seis e meia da manhã e a aula começaria às sete e quinze. O noturno do amanhecer a incomodava, mesmo que com o breve nascer do sol atrás do morro em que na frente morávamos.

Maria seguia por um caminho novo, diferente do habitual. Não estava indo direto para a escola e muito menos para a sala de aula. Meu único receio era que me pegasse vigiando-a, isso iria dificultar as coisas para mim. Porém, as atitudes e comportamento de Maria Alice me deixavam me deixavam involuntariamente curioso. Já era seu vizinho há quase um ano e todas as vezes que tentei puxar qualquer papo com ela, sempre me cortava com um ar de timidez ou angústia.

Entretanto, havia notado algumas atitudes estranhas vindas por ela. Por exemplo : algumas vezes me observando pela janela de seu quarto, que por destino ou coisa qualquer, nossos quartos ficam um de frente pro outro. Nunca deixei com que percebesse que eu a notava espionando, apenas ficava atrás da cortina preta rendada do meu quarto, vendo-a através daqueles pequenos detalhes.

Pois bem, seguir uma pessoa não é tão simples como nos apresenta a ficção, estou tendo grandes dificuldades. Em meio as pessoas em suas rotinas e com seus a fazeres, eu já não a via mais tão claramente. Aqueles cabelos castanhos encaracolados, que agora era apenas um vulto bem longe, e que andava cada vez mais rapidamente fazendo perdê-la de vista.

Já aqui parando e percebo que estou há algumas ruas da escola, claramente numa rua em que não há movimentos, ou qualquer ideia que me faça imaginar de o porquê ela estava vindo para esse caminho ou mesmo de passagem por aqui.

Pois bem, voltarei por onde vim e talvez ainda com chances de entrar na segunda aula e quem sabe encontrá-la no final do período.

Após três entediadas aulas, me dirijo aos portões de saída e para a rua que leva ao caminho de casa. Lá está ela! Caminhando do outro lado da rua. Desta vez mais a vontade, e até parece-me contente ou algo do tipo.

Meus olhos contraem-se junto com as minhas sobrancelhas de forma interrogativa - O que de fato acontecia com aquela garota? E por que tanto me perturbava? - A verdade é que não sei.

Apurei meus passos para que a pegasse entrando pelo portão de seu quintal, e quem sabe a surpreendesse, com alguma pergunta que pudesse despertar alguma reação relevante. Chegando perto de nossas casas notei que seu pai estava no quintal aparando as flores do jardim, voltei a caminhar lentamente e tentei conduzir-me de forma que pudesse prestar atenção no diálogo dos dois.

Ele perguntava a ela como havia sido a aula ...

Que respondeu :

- Normalmente boa, obrigada !

Que mentira! Você nem esteve sequer dentro da escola - pensei.

Vale lembrar que em meio há algumas noites já tinha ouvido alguns gritos estranhos de Maria Alice que dizia “Para!” ou então, “Me solta!”, porém nunca consegui ver de fato o que estava a acontecer. Em meio aos meus pensamentos me toco que lá estava ela como imaginei : me encarando, e se perguntando porque de eu estar parado no quintal e com o olhar fixo na porta de sua casa. Logo disfarcei e me dirigi na direção da porta de casa, ela quando notou que a situação, entrou rapidamente em casa.

Logo pela madrugada, paro meus estudos e desço até a cozinha para pegar um copo de refrigerante e quando espio pela janela, e lá estava ela! Sentada na varanda de sua casa, sozinha, com fones de ouvido, pensativa. Naquele horário? Ela é mesmo muito estranha.

Fiquei por alguns instantes a observá-la sem que me avistasse, tomei meu refrigerante ali mesmo e subi para meu quarto. Deitado na cama comecei a pensar em uma série de possibilidades para entender o comportamento dessa garota. Primeiro, o porque de ela não ir à aula e caminhar em lugares suspeitos, como na rua ontem antes da aula. Segundo, o por que de seus gritos altos de pedidos para soltá-la ou para parar. Mas parar o quê? E quem estava a segurá-la? E por quê? E terceiro, o porque de suas saídas noturnas, para não dizer madrugais, para até então pelo meu entender, refletir ou aliviar-se de algo que estava a acontecer.

Acordo com o despertador tocando, já eram seis horas da manhã, e nem lembro do momento que adormeci, apenas fiquei a conspirar em minhas teorias que estavam-me a levar para deduções nada positivas. E eu não sei porque, mas lembrando de ontem,

quando a segui depois da aula, a vi chegando em casa, falando com seu pai, passou me pela cabeça algo terrível.

Quando estava a sair de casa, a vi abrindo seu portão, esperei que passasse primeiro e fosse na frente. Estava tão deslocado com meus pensamentos que não queria me confundir ainda mais.

No meio da aula conversei com alguns colegas que a conheciam. Fiz algumas perguntas sobre sua família e se já haviam estado na casa dela. Alguns disseram que sim, e que não haviam notado nada fora dos padrões. Fui um pouco ousado e perguntei sobre o pai de Maria Alice, alguns logo estranharam e contaram que ele era um homem comum, que dividia seu tempo entre o trabalho e a família. Contudo nos últimos relatos, lembrem-me da existência de seu irmão caçula.

Logo chegando ao fim das aulas, o sinal bate e caminhando até o portão de saída notei que ela estava a caminhar atrás de mim. Parecia não me ultrapassar de propósito, como se não quisesse que a visse. Caminhei mais devagar e ela também. Até que perdi a paciência e fui andando normalmente e a deixei para trás. Quase chegando em casa passa pela minha cabeça a suposição de que ela poderia estar envergonhada, por eu perceber o que acontecia em sua família.

Passou-se alguns dias e em minha cabeça o caso parecia ainda mais sério, foi então que decidi ir em uma lojinha especializada em produtos tecnológicos e comprei um binóculo, para poder ver o que ocorria dentro da casa de Maria Alice.

Passava tardes e noite vigiando-a, esperando encontrar algo que fizesse a ligação com o que imaginava, porém nada era fora do comum e sua família era tão normal e cotidiana como a minha. Seu pai nada se parecia com o contexto em que o havia encaixado. Eu já estava irritado comigo mesmo. Comecei a me perguntar porque havia me metido naquela situação, já percebia ser algo mais que uma curiosidade aleatória. Naquela noite, deixei de lado o que já havia se tornado uma obsessão e fui dormir normalmente.

Logo pela manhã, saindo de casa olhei para o lado e vi Maria Alice e seu irmão se aproximando. De repente seu irmão fala em voz alta e em um tom divertido:

- Olha, Maria! Não é o vizinho aqui do lado que você vive falando lá me casa.
- Cala a boca, Pedro!!! Para com isso garoto.

Logo ela rapidamente colocou a mão na boca do menino e claramente envergonhada saiu andando bruscamente.

Um estalo em minha cabeça surgiu no mesmo momento. Espera aí, não é possível que fui tão tapado para não notar o que na realidade acontecia.

Maria Alice gostava de mim. Sua timidez e angústia com certeza eram porque na verdade, ela havia percebido que a vigiava. Seu estranho percurso naquele dia foi para me deslocar e não deixar que qualquer coisa fosse perceptível para mim, mas sem querer percebeu que eu a estava seguindo, ela percebeu que eu estava envolvido de alguma forma. E agora também entendo seu comportamento naquele dia em que ela voltava à vontade para casa depois da aula, que na verdade era felicidade.

Os gritos que ouvia, eram delas mesmo com seu irmão, que visivelmente não passava de uma peste. E porque não há nada mais clichê do que ouvir música com fone de ouvido sentada na varanda de casa? Propositalmente para que eu a visse.

É mesmo muito irônico me achar tão esperto de tudo que ocorre em minha volta e não perceber as possibilidades mais reais e possíveis que possam acontecer. De fato agora fiquei incomodado e, preciso achar a razão do porque levar as perspectivas para dimensões tão negativas como estava a levar com Maria Alice.

Aproveite

Cada vez que eu corria, mais não atingia o objetivo. Mas correr pra que? A vida não passa tão rápido assim. Às vezes quem tem pressa de viver acaba tropeçando muito e demora mais para chegar ao objetivo do que os lentos. Só que eu sou ansioso, eu gosto de tudo rápido, tenho pressa, o relógio está andando e eu aqui parado no tempo.

Como que alguém vive estagnado? Eu vivo. Enquanto meus amigos estão por aí se divertindo nas baladas da cidade, me pego em casa vendo um filme ou lendo um livro. Mas será que se pode dizer isso "parado no tempo?".

Realmente não sei, só sei que anda tudo meio estranho. Meu gato fica miando pela casa, meus amigos de vez em quando frequentam esse lugar mas não me cumprimentam, eles chegam, olham ao redor, pegam coisas que lhe interessam e saem de mansinho. E eu? Eu estou aqui esperando um oi ou uma companhia e os meus velhos companheiros nem me cumprimentam mais.

Às vezes o telefone toca, eu tento atender mas não consigo, pois sempre que toca é a minha mãe perguntando se estou bem e essa pergunta é um pouco complexa, o que será que significa bem para ela? Eu estou com saúde, nem tossir eu tusso mais e olha que eu vivia em uma cama há quase um ano esparramando sangue. Mas bem? Eu sei lá se estou bem, estou aqui e ninguém me nota poxa, como isso pode acontecer?

Não tenho filhos, não fui casado, tive apenas uma namorada e ela foi meu grande amor. Aqueles olhos azuis ainda ficam em minha mente. O que aconteceu? Não demos certo obviamente, ela pegou suas malas e foi embora para outro estado, aceitou a proposta de trabalho e como já estávamos em uma fase delicada, decidi me deixar para trás. Isso faz 10 anos. Mas uma década e eu ainda não a esqueci. De vez em quando pego meu celular pensando que ela mandará alguma mensagem, mas que bobagem, não? Esses dias tentei ligar só para saber se ela estava bem, mas o botão de ligar não ia, acho que foi um sinal. Estou achando estranho, hoje faz 1 ano que tudo mudou e sinto que estas pessoas estão chorando por mim. Chorando por que, meu deus? Eu estou aqui.

Quando dei por mim, senti um negócio estranho em meio peito, parecia uma ferida que não se fechou e doía muito. A dor da minha antiga tosse parece ter voltado,

foi só eu falar que apareceu de novo, meu pulmão já não aguentava mais. Chorei muito pois lembrei. Lembrei de tudo. A pneumonia. Ela me matou. Eu não estava mais entre eles, eu estava em outra dimensão mas eu não aceitava isso, eu queria esquecer e consegui, mas não imaginei que iria lembrar. Esses foram os últimos contatos que tive com eles, a minha pressa de viver talvez tenha me angustiado e me matado. Não que você que esteja lendo tenha que viver esperando as coisas acontecerem lentamente, até porquê eu não cairei do céu para te ajudar, ou já cai?

Em todo caso, faça acontecer seus objetivos, mas não vá correndo, corra nos momentos certos, pense em mim, eu tinha pressa mas não saía do lugar, você não tem que ter pressa, mas saia desse seu conforto e busque a sua vida. Ela é maravilhosa. Hoje eu vejo tudo que perdi por besteiras e criações da minha cabeça.

Faça agora a ligação para as pessoas importantes, fale que está bem, fale que ame, fale que tem saudade, fale tudo. E amanhã? Amanhã sai dessa casa e vá encontrá-los. Depois de amanhã? Foca em tudo que você considere importante. Não liga para o próximo, muito menos fique com essas coisas na cabeça de que não dá ou que seja impossível. Impossível só é para quem não se permite sonhar.

Justiça e Vingança

Dez anos foi o tempo que passou desde que saí daquele lugar. Abandonei tudo, saí à procura de uma faculdade, um emprego qualquer, tudo para não ficar na mesma casa que ela. Por sorte, consegui fazer um curso técnico e, logo depois, consegui uma bolsa na faculdade de Administração. Fiz alguns amigos que me arranjaram uma moradia estudantil e fui vivendo do jeito que dava.

Hoje eu sou, talvez, o maior empresário desse país, mas prefiro me manter anônimo. Sou o chefe, mas poucos me conhecem, só quem eu realmente confio. Ninguém sabe o meu verdadeiro nome, pois utilizo de alguns pseudônimos. Eu vejo pela janela a cidade inteira, assisto pessoas passando na frente do prédio com cara de curiosidade e apreciando como se fosse um monumento, a imprensa de jornais e de revistas praticamente mora aqui e o maior desafio deles é saber quem comanda isso tudo. Sou eu. João Roberto Medeiros Lago. Mas fique entre nós, pois essa vida de celebridade passarei longe. Não gosto de holofotes, até porque se descobrirem meu verdadeiro nome, saberão do meu passado que tanto reluto para esquecer. Quando me lembro daquelas mãos me acariciando debaixo da mesa, daquele sorriso malicioso toda noite, das repetidas frases diárias “Que comece a brincadeira”, eu sinto ódio, raiva, nojo, qualquer sentimento relacionado à horror.

Senhora Carolina Aparecida Medeiros. Minha madrasta, a tremenda psicopata que abusava do enteado. Mãe? Eu lá posso chamar isso de mãe? Ela era um horror de ser humano e tenho certeza que foi ela. Ela matou meu pai.

Meu pai não tinha dinheiro até se casar com ela, ele era doente por ela, não pela grana mas porque ela era o amor de sua vida. Ele era honesto, vivia pela felicidade, enquanto ela vivia de aparência. Desde os meus 8 anos comecei a sofrer todo tipo de abuso, toda noite quando meu pai ia dormir, ela ia até meu quarto e se eu contasse ao meu pai, ela ameaçava dizendo que separaria dele, deixando-o sem nada.

Minha adolescência obviamente foi completamente conturbada, ela não me deixava em paz, implicava com todas minhas atitudes, me criticava em tudo que fazia e

me ofendia. Me olhava o espelho e só conseguia sentir nojo de mim mesmo. Minha autoestima era horrível, não conseguia sentir autoconfiança ou vaidade. Eu vivia afastado, inclusive até hoje, pois toda vez que alguém me toca ainda sinto medo e angústia achando que é ela, por isso nunca consegui me relacionar por mais de meses com alguém.

Meu pai morreu envenenado quando eu tinha 17 anos. Ela jura que vai matar o desgraçado que fez isso, culpando algum de seus empregados, achando que é vingança por ele os tratarem mal. Se eu acredito? Até parece. Foi ela. Ela envenenou ele para ficar comigo, já que completaria 18 anos no ano seguinte. Mas eu larguei tudo assim que ele morreu e ela não se conformou.

Ela achava que eu não ia conseguir vencer na vida sem ela, sem o dinheiro que ela ganhava, logo eu que sempre fui tão dependente do padrão de vida que vivia. Mas hoje, eu quero a vingança que sempre desejei. Não consigo viver em paz sem fazer o que sempre sonhei. Tenho tantos contatos que fiquei sabendo que ela perdeu tudo e esta na miséria, bêbada pelos bares de São Paulo, desleixada, sem aquela vaidade que tanto alimentava.

Pedi ao meu advogado então para encontrá-la e fazê-la assinar um contrato em que ela não saberia da utilidade, seria anônimo, mas eu saberia que ela aceitaria, ela não tinha outra opção. O contrato? Ela viria a trabalhar em uma das fábricas de tecidos de um conhecido, no Camboja. Essa é a vingança? Sim. Matar seria muito pouco para ela. A maior vingança é ver ela trabalhando feito escrava, sendo a própria mão de obra de seus antigos costumes luxuosos.

Ela chegou na empresa com meu advogado sem saber de nada, até que mandei deixarem ela entrar sozinha em minha sala enquanto eu avistava a cidade. Abrindo a porta, viro a cadeira com um grande sorriso no rosto, enquanto ela fica pasma ao me ver, ao saber que eu era dono de tudo aquilo, talvez ela quisesse apenas fugir dali mas não poderia mais.

Eu olhei pra ela depois de tanto tempo e senti aquela passado conturbador, então o meu olhar e coração sentiram a fúria daquela mulher e por mim falando “Que comece a brincadeira”.

Ensaio sobre ela

Anseio pelo tempo, que já não existe mais.
Esse tempo; não sei se quero mais. Peso.
Sobrecarrego. Ânasia pela falta deste tempo.

O tempo que procura o tempo. Já não
tenho mais tempo, para esse tempo que
se foi. Para o tempo que está. Para o tempo
que virá.

Tempo dela. Entre ela; entre eu.
Sobre ela. Para ela. Falta ela.